

UMA SEXUALIDADE SUSTENTÁVEL

Gina Valbão Strozzi Nicolau¹

Em dias onde o certo não é mais o ‘ficar’, e sim, o ‘partir’, falar de uma sexualidade sustentável é certamente tocar em questões da transitoriedade das relações ou como poderíamos chamar: a “impermanência dos vínculos”.

Na verdade, o nome dado a esta insustentabilidade, principalmente das relações sexuais, é o que menos importa, o que nos chama a atenção e nos preocupa é para onde esta ‘não-aderência’ pessoal, nos leva enquanto ‘pessoas’, enquanto seres vinculares, enquanto gente que produz e reproduz outros seres.

Dois fenômenos claramente marcam os relacionamentos no presente. O sexo na internet e o até aparentemente ‘inocente’: “ficar”, dos adolescentes e jovens.

A sexualidade globalizada ou sexo pela internet parece ser o destino do mundo. Destino, porque no ritmo acelerado das desconexões relacionais, o caos do ‘não-presencial’ está à beira. Caos, porque neste tipo de relação, ninguém parece estar no controle da situação. A sexualidade globalizada cria uma classe de proprietários ausentes.

O sexo na internet é um tipo de relação que encolhe para a insignificância do instante, o precioso e necessário: “olho no olho”, e é um tipo de relação que reduz o valor das palavras silenciosas que necessitam de especial intimidade para serem ‘ouvidas’, à simplesmente: “Eu quero! E você? Você quer?”.

Assim é a relação na internet. Relação que tem como *slogan*: “a falta”! Falta o conflito, falta a negociação, falta o trâmite, falta a autorização para o *stress* de um diálogo mais quente e mais decisivo, e conseqüentemente, restam debates, combates, como também acolhimentos, reconciliações e ‘perdões’, para quem do alcance dos olhos, das mãos, dos braços, das bocas...

Há uma economia do sexo onde créditos e débitos de um envolvimento sexual estão desprovidos de corpos. Na internet temos nômades, vorazes e ansiosos, comparando dados do banco de informações, onde o outro é só um conjunto de bits e bytes e acaba se tornando instrumento virtual de masturbação real. Corpos que se ocultam, mas que se oferecem. Duas respirações ofegantes, porém silenciosas. Silêncio este, que é pago na dura moeda corrente do sofrimento, do sentimento de uso e descarte, de desafeto, abandono e desamparo.

¹ Gina Valbão Strozzi Nicolau é Bacharel em Psicologia, Bacharel em Pedagogia, Bacharel em Teologia, Mestra em Ciências da Religião, Especialização Sexualidade Humana e Doutoranda em Ciências da Religião. É professora na Faculdade Teológica Batista de São Paulo no campo da Psicologia.

E, não muito diferente disso, a moda do 'ficar', revela danos e conseqüências psicológicas sérias.

Se pensarmos nas festas onde os jovens (rapazes e moças) possuídos pela síndrome do *Don Juanismo* mostram-se educados a viver na necessidade de bocas, línguas e coxas diversas (só pra não citar outras partes), distinguiremos com clareza o ato auto-ilusório de uma geração que marcha à 'satisfação de desejos' e só!

O que isso quer dizer? Quer dizer que as relações são marcadas pelo espírito da 'celebração do descarte'!

Algo poderia ser mais cruel que a prática do 'descartável'? Sim! É a prática da falta do medo. É isso mesmo, o medo nos protege do perigo, é o nosso alerta. Quando um jovem não tem mais medo de ser rejeitado, porque a próxima 'boca' irá beijá-lo com certeza, ele perde a noção do perigo. E pior, o jovem se priva da importância de aprender o sabor da frustração. A frustração é saborosa? Sim! Sabor da capacidade de compreender que o 'outro' também tem livre escolha. Pode me preferir ou preterir. Neste sentido, a frustração frente uma rejeição é como uma escola, onde nos primeiros bancos devem se sentar 'eu' e 'você', pra só depois, bem mais tarde, investirmos em algo parecido com o 'nós'!

O corpo, o físico, é praticado, saciado e saturado. As relações são 'gastas', não pelo tempo de duração, até porque se sustentam por breves minutos, mas são desgastadas no investimento do efêmero.

Como investir numa sexualidade, numa relação erótica sustentável? Como pensar num vínculo pra além de 'epidérmico' ou/e 'cibernético'? Como sustentar as relações humanas se hoje estão desprovidas de afeto e onde o valor da pessoa vale o tempo em que é utilizada?

A necessidade da sustentabilidade das relações nos alerta quanto aos deslocamentos temíveis no campo dos laços de pertinência. Quer dizer, se é meu eu cuido, se não é meu eu não cuido. Num mundo de relações onde ninguém é de ninguém, qual é a saída?

Respostas como as perturbadoras e insistentes: "Tenha *responsabilidades!* Tome cuidado! Atente aos seus deveres! e Não fuja aos seus compromissos!", simplesmente, precisam voltar a ecoar!!!

Fonte: web-site da Faculdade Teológica Batista de São Paulo – www.teologica.br